

RECEPÇÃO NO IHGB DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO PELO GENERAL JONAS CORREIA E SEU DISCURSO DE POSSE SOBRE A HISTÓRIA DA ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS.



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

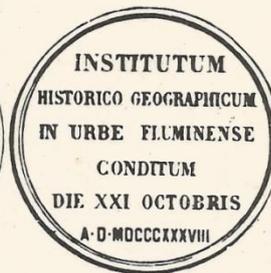
Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente da Acadsemiasde História de Portugal, Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em 1981-1982; E correspondente dos CIPEL, IHGRGS, Academia Sul Rio Grandense de Letras etc.

Artigo do autor na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, digitalizado para ser colocado na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Ada FAHIMTB doado em Boletim Especial nº002 de 17 nov 2014 à AMAN e integração no Projeto Pergamum de bibliotecas do Exército

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui

Nº 336 — JULHO — SETEMBRO



Brasília — Rio de Janeiro
1982

SAUDAÇÃO AO CORONEL CLÁUDIO MOREIRA BENTO (*)

Jonas Correia

Exmo. Sr. Dr. Pedro Calmon,
Magnífico Presidente do Instituto Histórico
e Geográfico Brasileiro;

Meus prezadíssimos confrades;

Senhoras e senhores:

Seja bem-vindo a esta Casa, senhor tenente-coronel Cláudio Moreira Bento. Tome assento. Acomode-se. Já é nosso consócio: Honorário, na fé dos seus títulos e confiança em seus propósitos. Ouça, agora, o nosso recado, através da palavra modesta de quem lhe abre a grande e iluminada porta deste templo, em que o culto da História decerto atraiu o seu espírito, e o trouxe até nós. Para ficar. E mais ilustrar-se, ilustrando-nos.

Eminentíssimos confrades.

As Forças Armadas do Brasil têm sempre os olhos voltados para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Queremos dizer que, sendo ele a casa da Memória Nacional, os militares sentem e sabem que nos seus bem cuidados arquivos se guardam, e no seu espírito se resguardam os registros dos fatos que as têm tornado perenemente dignas do melhor conceito nacional. Por isto, o Instituto, para nós, representa o máximo! E todos nós o respeitamos, acatamos e amamos, como se daqui, todas as manhãs, surgisse um sol, para dealbar os caminhos históricos da Nação.

Da Marinha, do Exército e da Aeronáutica — a afluência de representantes é comumente vasta e expressiva às nossas sessões ou reuniões, quando almirantes, generais e brigadeiros e demais graduados de postos menores, e até pracinhas, comparecem, e nos dão com isso uma satisfação singular. E é certo que eles aqui vêm interessados, e sinceramente dominados por incontida emoção que a deferência e a veneração pelo Instituto impõem a cada um e a todos.

Em particular, seja-nos permitido um parêntese, que intercalamos nesta breve alocução, como parágrafo luminoso a ser ressaltado de um escrito empobrecido pelas condições do autor —, em particular, aos militares do Exército este Instituto se liga pela circunstância excepcional de agasalhar a Espada de Caxias, gloriosa e invicta, sempre magnânima e nunca desumana!

No passado, inúmeros e insígnies homens de farda figuraram na nominata dos sócios do Instituto. Citaremos apenas alguns —, o Coronel Fausto de Sousa, o próprio Duque de Caxias, o General Dr. João Severiano da Fonseca, o Coronel Moreira Guimarães, o General J. B. Magalhães, o saudoso Marechal Leitão de Carvalho —, o Almirante Thiers Flemming, o

Almirante Rademacker, o Almirante Greenhalgh. E, no presente, é confortador considerar os consócios militares que estão também festejando, como recipiendário desta festa, o novel Sócio Honorário Coronel C. Moreira Bento.

Inclui-se, assim, o seu nome entre os nossos. E merecidamente. Eis que, de há muito, o ilustre camarada se vem dedicando à pesquisa e ao aprofundamento dos estudos históricos, à análise e à interpretação desses estudos —, sob critérios científicos modernos, em que se especializou.

Possuidor dos cursos de Engenharia, de Aperfeiçoamento e de Comando e Estado-Maior, o Coronel Bento figurou entre os planejadores do Parque Nacional dos Guararapes e do Monumento às batalhas que ali foram travadas entre nós e os holandeses (19.IV.1648 e 19.IV.1649); assim como, e com evidência de adjunto, no planejamento e coordenação da edição da *História do Exército Brasileiro* (em 3 volumes; 1972), cabendo-lhe especialmente a elaboração do Capítulo relativo às guerras Holandesas.

Pode apresentar o distinto recém-empossado confrade um rol de trabalhos que assaz lhe demonstram dedicação às especialidades históricas. Dentre eles pinçaremos — **O gaúcho fundador da imprensa brasileira**, sobre Hipólito José da Costa e o seu **Correio Braziliense** que, em 1808 e em Londres, começaram a servir a causa da Independência do Brasil; — **Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul**, livro de real mérito, por estudar personalidades e vinculá-las a fatos que a memória comum já não se habituara a considerar reunidas, e por isso despertou entre os sul-riograndenses um comovedor entusiasmo; — **O Negro e descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul**, obra que abarca uma pesquisa que vem de 1635 a 1975, e coloca o negro no seu lugar de honra, naquela terra de trabalho e produção, onde o imigrante e o colono parece não haverem concorrido com o negro, saudável, tranqüilo, bom, obediente.

Além desses, e mais para uso do Exército, que os pôs sob a sua direta reserva, devem-se ao Coronel Bento dois excelentes compêndios: — **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**, um ensaio elogiável sobre como e onde pesquisar e estudar a História do Exército, história que tem realces próprios no contexto de grande História pátria, quando tem sido, em muitos lances, a chave, o fecho, a decisão; — e **História da Doutrina Militar (Da Antiguidade à 2ª Guerra Mundial)**, em que, partindo do conceito geral de que por doutrina militar se deve compreender um conjunto de conceitos básicos, de princípios, processos e normas de comportamentos, que sistematizam e coordenam a atividade das Formas Armadas, num dado momento —, o autor nos apresenta um quadro evolutivo das organizações militares que, a seu tempo, tiveram influência no mundo.

Desejamos ainda lembrar duas excelentes conferências do Coronel Bento, que ouvimos — uma, quando se comemorou o Bicentenário da

Restauração do Rio Grande, e outra, por ocasião das celebrações do Sesquicentenário da Batalha do Passo do Rosário —, aquela, em 1976, tratando do estuendo feito de 1º de abril de 1776, que nos trouxe de volta ao domínio pátrio o chão do Rio Grande, e provou o valor dos nossos soldados quando bem comandados; e essa, em 1977, discorrendo sobre o reencontro bélico de Passo do Rosário (20.11.1827), e em que o Coronel Bento, como nós, também adota a teoria do inesquecível Mestre Max Fleiuss, secretário Perpétuo deste Instituto, que considerava a batalha finalizada de modo indeciso, ou empate, sem vitória para nenhum dos contendores.

Prezadíssimos confrades.

Em traços gerais, procuramos transmitir-lhes o perfil cultural daquele que elegemos e que passará a conviver conosco, toda a vida. Seu trato afável e cordial, sua pessoa bem cuidada e simpática, sua conduta civil, reta e correta —, são-lhe o penhor de ótima companhia.

Senhor Tenente-Coronel Cláudio Moreira Bento.

Foi-nos grata a incumbência de recebê-lo, no Instituto. Nesta hora de glória para o seu nome, estamos pensando na repercussão que esta cerimônia terá entre seus alunos, na Academia Militar das Agulhas Negras.

Como antigo Professor-militar, pedimos que lhes mostre qual a grande lição a tirar desta hora: é que vale a pena estudar!

Meu caro Coronel Bento, já lhe demos o recado do Instituto. Vamos, então, ouvir o seu.



HISTÓRIA DA ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS(*)

Cláudio Moreira Bento

Inicialmente cumpre-me agradecer aos confrades que integram esta quase sesquicentenária **Casa da Memória Nacional**, a confiança, o estímulo e a honra em me elegerem para seu seletor corpo de sócios, integrado, desde sua fundação em 1838, sob os auspícios do Imperador D. Pedro II, por grandes figuras da vida nacional, representativas dos mais variados ramos de atividades.

Agradeço, muito sensibilizado e honrado, às belas e estimulantes palavras de saudação proferidas, em nome do sodalício, a seu mais novo sócio por S. Ex^a Jonas Correia nosso amigo e destacado confrade e estimulador constante de nossa modesta atividade «hobby» de pesquisador e divulgador da História de nosso Exército e além, nosso providencial, hábil, dinâmico, prudente, seguro e realista Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, instituição benemérita que está carente, como uma autêntica **Casa da Memória Militar do Brasil** que deveria ser, de apoio semelhante aos dispensados a esta **Casa da Memória Nacional** e à **Academia Brasileira de Letras**, ambas hoje, com apoio presidencial, com sedes condignas para penetrarem pelo segundo milênio afora. Para que aquele Instituto possa emprestar a sua modesta e silenciosa contribuição, após desensolver todas as suas potencialidades, com apoio, em especial, de companheiros experientes da reserva de nossas Forças Armadas, desejosos de se manterem intelectualmente e com justo orgulho, ligados à profissão das armas até o final dos seus dias. Potencialidades que poderiam ser canalizadas para a nobre tarefa de construção das nossas Forças Armadas à altura do destino de grandeza do Brasil. Destino este que somente poderá ser conquistado e mantido, acreditamos, com uma **Doutrina Militar Brasileira** com índices progressivos de nacionalização, buscados, em grande parte, em subsídios colhidos da análise crítica da experiência militar brasileira de quase 5 séculos de lutas internas e externas. Experiência que contribuiu, no passado, de modo relevante, para a formação e preservação de um Brasil de dimensões continentais, uno, íntegro, soberano, sob Deus e que não é obra de um milagre.

Experiência militar de quase cinco séculos que se impõe seja analisada e criticada à luz dos fundamentos da Arte da Guerra, na busca de subsídios que possam vir a alicerçar o futuro de nossas Forças Armadas e no meu caso, do Exército. E este, Sr. Presidente e confrades tem sido o nosso enfoque de História Militar como profissional militar brasileiro que nos orgulhamos de ser, e como pesquisador e produtor de informações histórico-militares como hobby e, atualmente, como instrutor de História Militar dos futuros chefes do Exército em nossa Academia Militar. Idéias que explicitamos em nosso ensaio **Como estudar e pesquisar a História do**

Exército Brasileiro que veio a ser editado pelo Estado-Maior do Exército. Ensaio que para a nossa satisfação e remuneração moral e cívica vem servindo de instrumento de trabalho em pesquisas de interesse do desenvolvimento da Doutrina do Exército, promovidas por aquele importante e histórico órgão e que estão sendo levadas a efeito na Academia Militar das Agulhas Negras, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército e Escola de Comando e Estado Maior do Exército.

Tarefa que julgamos relevante e que poderia ser impulsionada por um estadista brasileiro ao propiciar sede, apoio material e moral condignos ao nosso Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, como outros estadistas propiciaram a esta casa e a Academia Brasileira de Letras. Fica aqui o nosso apelo de profissional militar brasileiro que sonha com um Brasil Potência protegido por Forças Armadas à altura dos compromissos decorrentes daquele status que se procura conquistar.

Agradecimento especial ao Professor Pedro Calmon, providencial Presidente desta benemérita instituição, a qual, como muito bem frisou, certa feita, está a serviço da Defesa Nacional no sentido mais lato desta expressão. Agradecimento ao estímulo que venho recebendo de V. Ex^a desde 1971, quando fomos honrados civicamente para a missão de coordenarmos a construção do **Parque Histórico Nacional dos Guararapes**, obra levada a efeito por desejo expresso do então Presidente da República Emílio Garrastazu Medici, que muito merecidamente é um dos presidentes de honra desta Casa da Memória Nacional, pelos relevantes serviços que prestou às atividades de História do Brasil.

Recordo-me que naquela ocasião nos Guararapes, procuramos homenagear o nosso primeiro mestre em História Militar do Brasil que nos ministrara a primeira aula do assunto em 14 de junho de 1954, há exatamente 25 anos e 41 dias, na Academia Militar das Agulhas Negras o então magnífico Reitor da Universidade do Brasil e já consagrado e festejado historiador do Brasil. Aula inaugural inesquecível no início do nosso terceiro e último ano escolar naquele estabelecimento militar onde fomos iniciados no assunto História do Exército Brasileiro. A Homenagem ao nosso primeiro mestre de História Militar foi traduzida pela afixação de placa ao lado da Igreja **N. S. dos Prazeres dos Montes Guararapes**, contendo estas antológicas palavras por ele proferidas em Pernambuco, em 1954:

«Foi nos Montes Guararapes há trezentos. A maior das Batalhas. O supremo desafio. O duelo mortal do invasor e do filho da terra, do estrangeiro e do nativo, da poderosa opressão e da liberdade heróica.»

«Nestes montes que têm a paisagem pernambucana o insólito relevo de uma fortaleza predestinada ao choque dos exércitos, em verdade fixou e definiu o luso-brasileiro o seu direito à terra. Tornou-se pela força das armas o seu dono...»

«Ass: Pedro Calmon»

Sr. Presidente e confrades. Tenham certeza da grande honra e emoção que sinto ao ingressar neste sodalício ainda na ativa do Exército, como sócio honorário e aos 47 anos. Recordo aos presentes que nas três condições acima, somente que com menos três anos dos que hoje possuo, ingressava nesta Casa há 132 anos, o então, Conde de Caxias e Marechal de Campo efetivo Luiz Alves de Lima e Silva, meu insigne patrono do Exército, já consagrado pelo povo brasileiro com o título honroso de Pacificador e pelo meu Rio Grande do Sul, como seu senador, após o ter presidido.

É pois compreensível que este modesto integrante do Exército Brasileiro se sinta hoje feliz entre outros muitos motivos pelo ingresso neste sodalício ao qual pertenceu o Patrono do Exército Brasileiro. Transmito para quem não saiba, Caxias foi grande estudioso de História Militar, em especial das campanhas de Napoleão segundo o Marechal Castelo Branco e da Guerra de Secessão nos EUA segundo o Marechal Tristão de Araripe. Acredito tenha sido Caxias um precursor do estudo militar crítico de nossa História Militar ao produzir trabalho para esta Casa em 1852, analisando à luz da Doutrina Militar Brasileira em vigor na época, a discutida batalha de Passo do Rosário de 20 de fevereiro de 1827.

Agradeço igualmente Sr. Presidente e confrades, a honra em confiarem a minha guarda para deslocamento excepcional a Resende, dos dias 16 e 17 de agosto, da invicta espada de campanha de general, do Duque de Caxias, desde 1925 propriedade desta Casa e da qual o Espadim de Caxias, arma privativa e distintiva dos Cadetes do Exército é cópia fiel reduzida. Deslocamento excepcional por solicitação da Academia Militar das Agulhas Negras, através de seu comandante, General- de- Brigada Hyran Ribeiro Arnt para participar de cerimônia de entrega de espadins, a ser presidida pelo Exmo. Sr. Presidente da República João Figueiredo, que na ocasião receberá do Corpo de Cadetes, da qual já foi também instrutor e professor, um exemplar do Espadim de Caxias, por haver sido o primeiro detentor daquele símbolo a atingir a Presidência da República.

Agradeço a presença de todos os amigos e autoridades que prestigiam esta singela cerimônia.

O tema que escolhi para aqui abordar é a História da Academia Militar das Agulhas Negras (1810-1979), que foi instalada há 35 anos. Academia, senhor Presidente Pedro Calmon visitada por V. Ex^a. há exatamente 30 anos e 20 dias em 9 de julho de 1949, conforme registro de próprio punho: as folhas 21 V do Livro de Visitantes Ilustres.

«Visitando esta grandiosa escola, o faço amavelmente conduzido pelo seu nobre comandante, general Ciro Espírito Santo Cardoso. Sinto revigorada a minha confiança no Brasil. É digna do Exército. É a Escola Militar de que necessitava a Pátria: alto baluarte do Patriotismo, sob

cujas ameias inexpugnáveis, flutua o pendão do heroísmo nacional, guardado pela fidelidade dos Cadetes de Caxias».

Ass: *Pedro Calmon*

Passemos ao nosso tema:

Em 28 de junho de 1938, na cerimônia de lançamento da pedra fundamental da Escola Militar de Resende (EMRes), atual Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), em oração que interpretava os sentimentos e pensamentos dos corpos docente e discente da Escola Militar do Realengo (EMR), assim se expressou o oficial designado, sobre a finalidade da Escola Militar em Resende, sua sexta sede desde sua criação em 1810.

«Que nestas plagas por onde passaram bandeiras de outrora... possa a Escola Militar de Resende tornar-se o templo de onde saiam sacerdotes que tenham fé nos altos destinos da Pátria, bandeirantes de uma nova bandeira, libertadora dos que sofrem, mourejando esquecidos nos rincões do Brasil, analfabetos, desesperançados e descrentes, disciplinando-os, educando-os e incorporando-os sob uma bandeira única — a bandeira do Brasil».

Decorridos 35 anos de instalação da AMAN, em 1º de março de 1944, impõe-se uma evocação e registro histórico do ocorrido no período, com vistas à preservação de sua memória histórica. Pois, em 1939 seu idealizador, o marechal José Pessoa, escrevia ao falar sobre o Espadim de Caxias do Cadete ***«ainda que sem história, nem por isso devemos olvidar-lhe fatos que hoje sabidos mais tarde será difícil reconstituí-los. Haja vista o exemplo de nossa lendária Academia Militar Real, da qual mal se sabe ter sido fundada por D. João VI».***

Coincidências na Instalação da AMAN

A instalação da AMAN em 1944 o foi com o nome de **Escola Militar de Resende**. A data de instalação coincidiu deliberadamente com o 81^o aniversário do término da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai e no momento histórico no qual o Brasil realizava o aprestamento final da nossa FEB para lutar contra o nazismo na Itália, local onde se cobriria de glórias, após deixar o Brasil, rumo ao velho mundo, quatro meses depois da instalação referida. A instalação da então Escola Militar de Resende concretizou um sonho, em 1931, do então coronel José Pessoa, comandante da Escola Militar do Realengo, prometido pelo Presidente Getúlio Vargas, em 26 de março de 1932, numa roda de oficiais na Estação de Estrada de Ferro de Resende, então QG das forças legalistas, ao comando do coronel Manoel de Cerqueira Daltro Filho, por ocasião da Revolução de 1932. Sonho que tomou vigoroso impulso em 29 de junho de 1938, com o lançamento da pedra fundamental de nossa AMAN, em data deliberadamente coincidente com mais um aniversário da morte do Marechal Floriano Peixoto, «o

Marechal de Ferro», destacado profissional militar, herói da Guerra da Tríplice Aliança, cujo estudo histórico estimulou, como Presidente da República, **«com vistas a desenvolver as aptidões dos alunos de nossas escolas militares (Escola Militar da Capital Federal na Praia Vermelha, (antecessora) da AMAN e Escola Militar de Porto Alegre) a criar e aperfeiçoar uma tática e uma estratégia apropriadas às condições geográficas especiais do Brasil»** e, além de tudo, no passado, um grande e fiel amigo da Escola Militar. Outro fato significativo da instalação da AMAN em Resende foi o de ter sido feita em terras pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro, unidade da Federação que serviu de berço ao Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro.

A Localização da AMAN

O marechal José Pessoa, idealizador da AMAN, assim referiu a instalação da mesma logo após ocorrida:

«Foi erigida em Resende, afastada da capital, para retirar a mocidade militar do contato com as agitações políticas e das seduções altamente prejudiciais dos grandes centros, para deixá-la assistida por mestres dedicados, em um meio tranquilo, de recursos abundantes para seus trabalhos, toda ela devotada ao único objetivo de sua perfeita e integral preparação profissional».

Mais adiante escreveu sobre o currículo da AMAN:

«Preparamos para a Escola Militar de Resende um plano de Ensino e uma completa legislação do que há de mais perfeito nos estabelecimentos congêneres dos grandes Exércitos, fruto da experiência milenar da História Militar das nações cultas, tudo adaptado aos nossos costumes, ao nosso homem e ao nosso clima».

Sobre a localização estratégica da Academia assim referiu:

«Chave de acesso para o sul de Mato Grosso e sul do Brasil, por sua situação intermediária entre o Rio — a capital do Brasil e São Paulo, o maior centro industrial.— Valor militar inconfundível de Resende pela facilidade de comunicações com Minas Gerais, irradiadora de caminhos para o norte e para o centro e com o litoral de Angra dos Reis de importância naval conhecida.»

O valor militar de Resende ficara provado na Revolução de 1932, como QG das forças legais, servindo inclusive, o campo de paradas da AMAN, como campo de pouso da aviação legal. O referido valor estratégico seria confirmado na Revolução Democrática de 31 de março de 1964 que acabou de completar 15 anos. Nesta ocasião a AMAN, sob o comando do general Emílio Garrastazu Medici, se interpôs entre as tropas dos I e II exércitos na

iminência de um choque no Vale do Paraíba, forçando seus respectivos comandantes a um acordo em prol da vitória revolucionária.

A retirada da Escola do Rio, longe das agitações políticas, justificava-se plenamente. Em 1904 ela fora fechada e após extinta por dois anos, por envolvimento de seus alunos, seduzidos por agitadores externos e internos, na malfadada e vexatória **Revolta da Vacina Obrigatória**. Em outra oportunidade, no Realengo, agitações semelhantes contaminaram parte de seus alunos com graves inconvenientes futuros. Para evitar os referidos inconvenientes, chefes do Exército no passado, em suas divergências ocasionais possuíam consenso na seguinte posição: — **«A Escola Militar é o Exército do futuro e em consequência este futuro não pode ser comprometido no presente, com o envolvimento da Escola em lutas internas».**

Comandantes da AMAN

Desde a sua instalação até o presente a AMAN teve 22 comandantes efetivos: Cel Mário Travassos (1944) e Generais Aristóteles de Souza Dantas (1945-1946), Álvaro Pratti de Aguiar (1946/1948), Ciro Espírito Santo Cardoso (1948-1950), Manoel de Azambuja Brilhante (1950-51), Nestor Souto de Oliveira (1951-52), Jair Dantas Ribeiro (1953-55) após Ministro do Exército, Júlio Teles de Menezes (1955-56), Hugo Panasco Alvim (1956-57), João Punaro Bley (1958-60), Adalberto Pereira dos Santos (1960-62 — acaba de deixar a Vice-Presidência da República), Pedro Geraldo de Almeida (1962-63), Emílio Garrastazu Medici (1963-64 — foi o terceiro Presidente da Revolução), Alfredo Souto Malan (1964), João Francisco Moreira Couto (1964-66), Ariel Pacca da Fonseca (1966-67), Adolpho João de Paula Couto (1967-69), Carlos de Meira Mattos (1969-71) (ex-comandante do curso de Infantaria de (1951-52), José Fragomeni (1971-74) — ex-comandante do curso de Cavalaria de (1951-54), Túlio Chagas Nogueira (ex-comandante do Corpo de Cadetes de (1964-65), Sílvio Octávio do Espírito Santo (ex-comandante do curso de Artilharia (1955-56) e, atualmente, Hiram Ribeiro Arnt (ex-instrutor da Artilharia em 1954-56).

O Projeto da AMAM

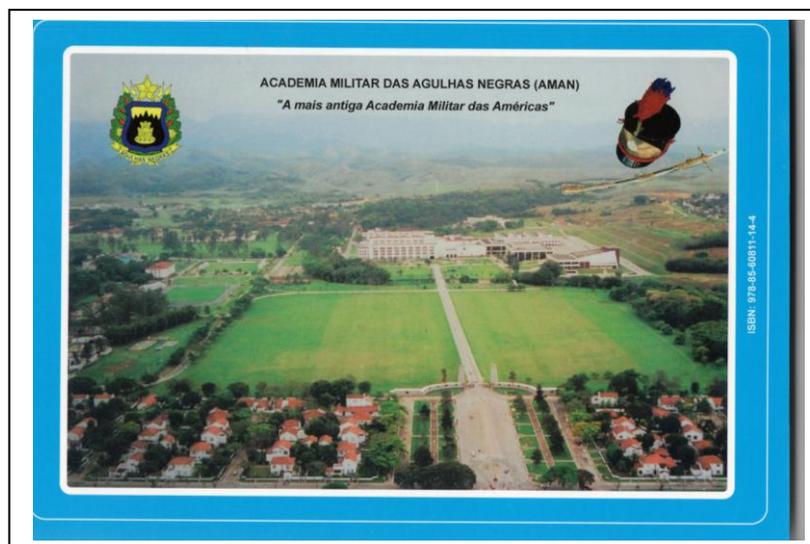
O projeto inicial da AMAM foi elaborado em 1931 sob a coordenação de seu idealizador e apresentava em conjunto as características de West Point. O local onde seria erigida havia servido até então de Horto Florestal da Estação de Monta do Rio de Janeiro. O projeto definitivo executado foi de autoria do engenheiro Raul Pena Firme e foi assim definido:

«Arquitetura sóbria, neo-clássica, própria do espírito de transição moderno, mantendo um equilíbrio das tendências arquitetônicas, sem ferir os melindres da tradição e deixar de tirar proveito dos predicados

progressistas da atualidade e procurando atender às condições técnicas compatíveis das construções de grande vulto». Executou o projeto a Cia. Construtora Nacional.



1ª e 2ª capas o último livro do autor, com o histórico das diversas sedes da Escola de formação de oficiais do Exército de 1792-2010. Capas de autoria do filho do autor Capitão de Mar-e- Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, instrutor de Navegação da Escola Naval. Capas aqui colocadas para aproveitamento de espaço para serem colocadas por inteiro nas páginas seguintes as tabelas sobre turmas egressas da AMAN



Turmas Egressas da AMAN

Até o presente foram formadas integralmente pela AMAN 33 turmas cujo nome, bem como o nome dos cadetes classificados em primeiro lugar nas cerimônias de entrega dos espadins e das espadas, constam do quadro a seguir organizado:

| TURMAS FORMADAS INTEGRALMENTE PELA AMAN DE 1946-1978 (Nº — ANO — NOME DA TURMA — NOME DOS PRIMEIROS LUGARES NO ESPADIM E NA ESPADA, DATAS E ARMA DO 1º NA ESPADA). | | | | |
|--|----------------------------------|--|-------------------|------|
| Nº de Ordem | Ano e Nome da Turma | Primeiros Alunos na Entrega dos Espadins e das Espadas | Data da Cerimônia | Obs. |
| 1 | 1946 — Escola Militar de Resende | Espadim — José Pinto dos Reis | 10 Nov. 44 | 8 |
| | | Rui Colares Machado | 28 Dez. 46 | 4 |
| 2 | 1947 — Agulhas Negras | Harry de Freitas Barcellos | 31 Out. 45 | 8 |
| | | (1º no espadim e na espada) | 24 Dez. 47 | 1 |
| 3 | 1948 — Gen. Ciro Espirito Santo | Ary Capella (1º no espadim e na espada) | 03 Set. 46 | 8 |
| | | | 17 Dez. 48 | 1 |
| 4 | 1949 — Gen. José Pessoa | Arthur Baptista Filho | 30 Ago. 47 | 8 |
| | | Carlos Nicosi da Costa | 15 Dez. 49 | 4 |
| 5 | 1950 — Gen. Ciro Espirito Santo | Oscar Bayard Salgado | 27 Ago. 48 | 8 |
| | | Miranda Mário Magalhães | 14 Dez. 50 | 4 |
| 6 | 1951 — AMAN | Leónidas S. Pinto de Abreu | 26 Ago. 49 | 8 |
| | | (1º no espadim e na espada) | 14 Dez. 51 | 3 |
| 7 | 1952 — Barão do Rio Branco | Ivani Henrique da Silva | 25 Mar. 50 | 8 |
| | | Roberval Rocha Moreira Filho | 06 Nov. 52 | 4 |
| 8 | 1953 — Almirante Tamandaré | João Luis Pascoal Roehl | 25 Ago. 51 | 8 |
| | | (1º no espadim e na espada) | 13 Ago. 53 | 4 |
| 9 | 1954 — Santos Dumont | Sérgio Ruschel Bergamaski | 25 Ago. 52 | 8 |
| | | (1º no espadim e na espada) | 08 Mai. 54 | 4 |
| 10 | 1955 — Aspirante Mega | Rubens Ruiz | 27 Jun. 53 | 8 |
| | | Herman Cavalcanti Suruagy | 15 Fev. 55 | 1 |

| Nº de Ordem | Ano e Nome da Turma | Primeiros Alunos na Entrega dos Espadins e das Espadas | Data da Cerimônia | Obs. |
|-------------|---------------------------------------|--|--------------------------|--------|
| 11 | 1956 — Jan AVAI | Faltam dados Antonio Máximo Rego Filho | 30 Jan. 54 06 Jan. 56 | 8 3 |
| 12 | 1956 — Dez — Monte Castelo | Almir Paz de Lima (1º no espadim e na espada) | 05 Set. 54 20 Dez. 56 | 8 4 |
| 13 | 1957 — Antonio João | Alcyone F. de Almeida Junior Paulo Schwingel | 18 Ago. 55 19 Dez. 57 | 8 1 |
| 14 | 1958 — Montese | Leonildo Denari Junior Sebastião de Carvalho | 17 Ago. 55 19 Dez. 58 | 8 1 |
| 15 | 1959 — Marechal Rondon | Arlindo Vasques Martins Leo Ferreira de Vasconcellos | 19 Ago. 57 17 Dez. 59 | 8 3 |
| 16 | 1960 — Marechal Floriano | Carlos Roberto Torres Carlos Elberto Vêlia | 24 Mai. 58 04 Dez. 60 | 8 7 |
| 17 | 1961 — Academia Real Militar | Nelson Dorneles da Silva Adalberto Imbrósio | 24 Mai. 55 30 Dez. 61 | 8 7 |
| 18 | 1962 — Duque de Caxias | Fernando Luis Carneiro Rila Fernando Raimundo Aranha Simão | 24 Mai. 60 20 Dez. 62 | 8 7 |
| 19 | 1963 — Sesquicentenário da AMAN | Carlos Fernandes C. Bernardes Sérgio Gilberto Tabuada | 23 Abr. 61 20 Dez. 63 | 8 7 |
| 20 | 1964 — Nações Unidas | Guy Ibirajara Meyer (1º no espadim e na espada) | 24 Mai. 62 19 Dez. 64 | 8 7 |
| 21 | 1965 — 4º Cen. do Rio de Janeiro | Antonio Domingos Sanson (1º no espadim e na espada) | 24 Mai. 63 18 Dez. 65 | 8 7 |
| 22 | 1967 — Independência | Luiz Carlos Minussi Raimundo Nonato Cerqueira Fº | 15 Ago. 64 16 Dez. 67 | 8 1 |
| 23 | 1968 — Humaitá | Marco Antonio Longo Ronaldo Glicério Cabral | 20 Ago. 65 21 Dez. 68 | 8 7 |
| 24 | 1969 — Jubileu de Prata — AMAN | Pedro Paulo Leite do Prado (1º no espadim e na espada) | 20 Ago. 66 20 Dez. 69 | 8 6 |

| Nº de Ordem | Ano e Nome da Turma | Primeiros Alunos na Entrega dos Espadins e das Espadas | Data da Cerimônia | Obs. |
|-------------|----------------------------------|---|--------------------------|--------|
| 25 | 1970 — FEB | Sérgio Ricardo Paes Rios Geraldo S. Soares da Silva | 19 Ago. 67 19 Dez. 70 | 8 4 |
| 26 | 1971 — Marechal Castelo Branco | José Alencar Ávila (1º no espadim e na espada) | 17 Ago. 68 18 Dez. 71 | 8 4 |
| 27 | 1972 — Marechal Mascarenhas | Manoel Theóphilo Gaspar de Oliv. João Francisco Ferreira | 23 Ago. 69 10 Dez. 72 | 8 1 |
| 28 | 1973 — Marechal Costa e Silva | Danivart Alves da Cruz (1º no espadim e na espada) | 28 Ago. 70 15 Dez. 73 | 8 6 |
| 29 | 1974 — Integração Nacional | Antonio Robson Moraco Paulo Cesar do Amaral Pereira | 21 Ago. 71 17 Dez. 74 | 8 6 |
| 30 | 1975 — Sesquicent. Independência | Valdemir Edis da Silva Paulo Raul Barros Lima | 19 Ago. 72 12 Dez. 75 | 8 7 |
| 31 | 1976 — 31 de Março | Vicente Gonçalves Magalhães (1º no espadim e na espada) | 18 Ago. 73 14 Dez. 76 | 8 4 |
| 32 | 1977 — Tiradentes | Emilio Carlos Acocella (1º no espadim e na espada) | 24 Ago. 74 15 Dez. 77 | 8 3 |
| 33 | 1978 — Marechal Dutra | Jorge Luiz Coelho Cortes Paulo Sérgio Melo de Carvalho | 23 Ago. 75 14 Dez. 78 | 8 6 |

Observações: 1) Significado dos números na coluna observações: nº 1 — Infantaria, 2 — Cavalaria, 3 — Artilharia, 4 — Engenharia, 5 — Intendência, 6 — Comunicações, 7 — Material Bélico e 8 — Curso Básico. Até o presente é o seguinte, por armas, o número de primeiros classificados na cerimônia de entrega das espadas nas turmas de aspirantes formados integralmente pela AMAN: Engenharia — 9, Material Bélico — 8, Infantaria — 6; Artilharia — 5, Comunicações — 4, e Intendência 2.

2) Receberam denominações históricas as seguintes turmas de aspirantes do Realengo ou não formados integralmente pela AMAN: 1941 — Guararapes, 1942 — Henrique Lage, 1943 — Tuiuti, 1944 — Cel. Duque Estrada e 1945 — Realengo.

3) De 1945 — 1978 excetuando-se as turmas não computadas por falta de dados dos anos de 1946, 47, 49, 58, 59, 61 e 68 (falta de revistas correspondentes) formaram-se na AMAN 8.659 aspirantes naturais dos seguintes estados ou territórios: Rio de Janeiro — 3.062 e Rio Grande do Sul 1.533 responsáveis por mais de 50% do total de aspirantes, São Paulo — 1.023, Minas Gerais — 701, Ceará — 546, Paraná — 218, Pernambuco —

215, Mato Grosso — 184, Bahia — 135, Santa Catarina — 129, Maranhão — 126, Alagoas — 108, Piauí — 105, Pará — 103, Paraíba — 102, Sergipe — 97, Rio Grande do Norte — 95, Espírito Santo — 95, Goiás — 55, Amazonas — 52, Acre — 12, Amapá — 6, Rondônia — 2.

4) No mesmo período mencionado foram formados 57 aspirantes estrangeiros: Nicarágua — 13, Equador — 11, Paraguai — 9, Portugal — 8, Peru — 2, Panamá — 2 e Uruguai — 1.

5) Personagens entre outras, ainda não homenageadas com o nome de turmas egressas da AMAN: D. Pedro I (criador do Exército Brasileiro), Ministro Leite de Castro (apoiou a criação das mais belas tradições da AMAN), Gen Francisco de Paula Argolo 1902/07 (Reforma do Ensino em 1905, transição do bacharelismo para o profissionalismo militar). Mal Hermes da Fonseca (autor da Grande Reforma Militar de 1908), Gen Mário Travassos, (primeiro comandante da AMAN), Gen Tibúrcio (ex-aluno e instrutor da Escola da Praia Vermelha e herói da Guerra do Paraguai), Henrique Dias e Antonio Dias Cardoso heróis das guerras holandesas, generais Osório, Sampaio, Mallet, Vilagran e outros patronos das armas e serviços. Andrade Neves, Barão de Porto Alegre, Gen. Câmara, Mal José de Abreu, Gomes Carneiro, Cap. Pedro Teixeira, Raposo Tavares, Rafael Pinto Bandeira e outros.

6) Feitos ou eventos militares não homenageados em turmas egressas da AMAN: Batalha Monte das Tabocas (1645), Batalha de Monte Caseros (1852), Batalha de Paissandu (31 Dez 1865), Passo da Pátria em (1866), Combate de Itororó, Batalha de Peribebui, Batalha do Campo Grande, FAIBRÁS, Lapa, etc.

Corpo de Cadetes e Cursos

O primeiro comandante do Corpo de Cadetes em Resende foi o então Cap. Inf. Dióscoro Gonçalves Vale (1944-45) função que exerceu novamente de 1953-55 depois de a de comandante do Curso Básico (1951-52). Foram os primeiros comandantes de cursos em Resende: Infantaria — Maj. Paulo Queiroz Duarte; Cavalaria — Maj. Milton Barbosa Guimarães; Artilharia — Maj. Lindolfo Ferraz (Chefiou este curso de 1959-61 o atual Ministro Chefe do SNI então o Maj. Octávio Aguiar de Medeiros); Engenharia — Maj. Carlos dos Santos Jacinto (Chefiou este curso de 1949-52 o atual chefe do DEC o então Maj. José Ferraz da Rocha); Intendência — Maj. Luiz Martins Chaves; Comunicações — o Ministro das Comunicações do Governo do Presidente Médici, o então Cel. Hygino Caetano Corsetti (1959-63); Material Bélico — Maj. Délio L. Taborda; (Curso Básico — o então Maj. Rio-grandino da Costa e Silva, irmão do Presidente Costa e Silva e atualmente destacado historiador rio-grandense); Equitação — Maj. Orte-gal Novaes; SI Esp — Ten. Cel. Joffre Coelho Chagas e Educação Física — Hidebrando de Assis Duque Estrada (BI nº 1-1944 — AMAN), que também foi o primeiro comandante da Companhia extranumeraria, matriz do BCSv.

Primeiros Professores da AMAN

Os primeiros professores nomeados para a AMAN foram: coronéis Sinésio de Farias (autor de alentado tratado de Álgebra), Américo da C. Menezes e Pedro L. Vilaboim; tenentes coronéis Felix Valois de Araújo, Abílio dos Reis, Ayrton B. Lobo, José Rodolfo Toledo de Abreu e Sérgio Bezerra Marinho; majores Nilo Cruz, Luiz Vasconcel-los Rocha Santos, Sérvulo T. Guerreiro e João Alfredo H. Dutra Ramos.

Sentido Histórico do Ensino na AMAN

Na Ordem do Dia do coronel Mário Travassos, publicada no BI nº 1 de 1º maio de 1944, alusivo à instalação da atual AMAN, assim referiu seu primeiro comandante:

«É preciso que as massas de concreto armado e revestimentos de mármore de nossa Escola criem alma e falem hoje e sempre do grande momento em definitivamente os processos de formação dos oficiais do Exército, devem ser consolidadas de forma a marcar época».

Decorridos 35 anos de funcionamento da AMAN, impõe-se um balanço da afirmação de seu primeiro comandante, para a conclusão se efetivamente o ensino na AMAN foi um grande momento a marcar época.

Para isto é necessário um mergulho no passado, com vistas a marcar o sentido da evolução da formação dos oficiais no Brasil de 1810-1878.

Para uma abordagem científica do assunto seria impositiva a análise e crítica das seguintes reformas do ensino militar, traduzidas pela legislação a seguir: Carta de Lei de 4 Dezembro de 1810; Decreto de 22 Outubro de 1832, Decreto de 3 Fevereiro de 1934; Decreto de 22 Fevereiro de 1839; Decreto nº 404, de 1 Março de 1845; Decreto nº 1.356, de 23 Janeiro de 1855; Decreto nº 2.116, de 1º Março de 1858; Decreto de 21 Abril de 1860 que criou a função de comandante; Decreto de 14 Maio de 1860; Decreto de 22 Abril de 1863; Decreto nº 5.525-1874. (Saiu do Largo do São Francisco e vai para a Praia Vermelha); Decreto nº 10.203, de 9 Março de 1889; Decreto nº 2.881, de 18 Abril de 1898; Decreto nº 5.698, de 2 Outubro de 1905 (transfere-se para a Escola de Guerra em Porto Alegre).

De acentuado sentido profissional extingue o bacharelato em Ciências Físicas e Matemáticas e o título de doutor e cria o posto de Aspirante- a- Oficial; Decreto 30 Abril de 1913 (Escola no Realengo, subordinada ao EME. Para ingresso na EMR eram exigidos 6 meses como soldado ou curso integral num Colégio Militar. O ensino enfatizava as instruções sobre Cavalo de Guerra, Jogo da Guerra. Combinação de Armas, formação de GU em pé de guerra e informações em campanha); Decreto nº 22.977, de 24 Abril de 1918 (Enfatiza a fala de inglês e francês, Jogo da Guerra, Artilharia Naval e de Costa, com combinação de Armas e Comunicações); Decreto nº 13.577 de 30 Abril de 1919; Boletim 19-EME , ou 26 Abril de 1922. (Aprova o programa de instrução elaborado pela Missão Indígena que revolucionou a instrução militar, para melhor, constituindo-se de 1919-1923 um marco histórico no sentido de um ensino militar voltado para as necessidades da tropa); Decreto nº 16.394, de 27 Fevereiro de 1924 (Curso básico de 2 anos e 1 ano para as armas, introduz Carro de Fogo, exame do 1º ano em julho. Quem obtivesse média abaixo de 3 era desligado para servir um ano na tropa); Decreto nº 18.713, de 25 Abril de 1929 (Cria o Curso de Aviação Militar); Decreto nº 22.609, de 1933; Decreto nº 23.994, de 4 Março de 1934(História Militar passa para o ensino profissional e é criado o Departamento de Educação Física e a Seção de Equitação); Decreto nº 192, de 20 Junho de 1935 (retorna à reforma de 1929); Decretos nºs 5.543 e 5.877, de 15 Abril e 22 Junho de 1940 (institui diversos estímulos aos cadetes: Livro de Ouro para os sem punição durante o curso, Medalha Duque de Caxias para o 1º lugar no ensino profissional, com entronização de seu retrato no cassino dos Cadetes); Decreto nº 8.918, de 4 Março de 1942; Decreto nº 17.738, de 2 Fevereiro de 1945 (após transferir-se para Resende) e regulamentos de 1952, 1961, 1969 e **o atual que entre outras características, pela primeira vez na história de nossas escolas militares passou a ministrar História Militar nos 3º e 4º anos, como fonte de aprendizagem, através de sua abordagem crítica e não descritiva, da evolução da doutrina militar em seu duplo aspecto de ciência e arte da guerra e, da Tática e da Estratégia.**

Bacharelismo e Profissionalismo

Segundo o Marechal Tristão de Alencar Araripe no passado ex-Diretor de Ensino no Realengo, comandante da ECEME e Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil:

«O Ensino Militar de 1810-1871 subordinava-se à doutrina de Portugal e não atendia o papel militar da instituição armada americana. Visava-se, em última análise, formar doutores técnicos em Engenharia. A preocupação da formação era excessivamente acadêmica e intelectual. Às escolas práticas ou de aplicação profissional militar dava-se valor secundário. Pouco se cuidava do uso da força armada em operações de guerra, nem se aproveitavam as experiências feitas nas lutas intestinas e, principalmente, nas campanhas sulinas. Nem o ensino atendia às necessidades da tropa, nem esta recebia os benefícios deste ensino. Os regulamentos de 1839, 1858 e 1874 tendiam para a formação de engenheiros, com cursos científicos em que predominavam os estudos de matemática pura, a astronomia e geodésica, as ciências naturais, completadas por noções de balística, ataque e defesa das praças. Figuravam aí sem grande ênfase, os estudos de Arte e História Militar, Tática e Estratégia.»

O regulamento de 1874 que deveria conter os ensinamentos da guerra do Paraguai, fez questão de olvidá-los, além de acentuar a tendência de dar ao oficial sólida cultura geral e científica, visando a formar oficiais engenheiros e técnicos em Artilharia. As lutas no Sul foram as verdadeiras escolas de aplicações do Exército Brasileiro. Apesar da evolução do Regulamento de 1898, (reação ao de 1889, o mais científico de todos) o ensino alcançou o século XX, com o aspecto tradicional de excesso de cientificismo e teoricismo, sem levar em conta as normas práticas de emprego da tropa na guerra... O regulamento de 1905 constituiu oportuna reação contra o excesso de ensino teórico da Escola Militar da Praia Vermelha. A nova seriação do ensino e o papel dos cursos das armas na Escola de Guerra (em Porto Alegre) — curso de alfafa, representou a semente da era renovadora... Mesmo com os corpos desaparelhados, tomaram os aspirantes de 1909-1918, a peito, fazer a instrução de recrutas, com métodos modernos e rara objetividade. Foi um período áureo na evolução do Exército Brasileiro como força operacional... Um dos grandes acontecimentos da batalha pelo Serviço Militar obrigatório foi a célebre Missão Indígena na EMR (1919-22) integrada por instrutores selecionados em concurso. Sua obra contudo foi a mais fecunda realizada no Exército... O movimento de 30 desviou boa soma dos melhores subalternos e que haviam dado o melhor de seu entusiasmo à continuação do ressurgimento da atividade profissional do Exército... A mudança para Resende e a transformação foi um passo vitorioso na evolução necessária.»

A Grande Reforma do Ensino de 1905

O General Francisco Paula Cidade, formado pela Escola de Guerra em Porto Alegre, pelo regulamento de 1905, baixado pelo Ministro do Exército Francisco de Paula Argolo (1897 e 1902-6), afirmou ser oferecido regulamento e a Escola de Guerra em Porto Alegre, **«uma grande encruzilhada do pensamento militar brasileiro»**, a indicar um novo rumo. E prossegue, «o regulamento de 1905 (voltado para o profissionalismo militar) do qual nos alimentamos em nossa mocidade, foi satirizado, recebemos a alcunha **de alfafa**, dada pelos que continuavam a crer que o título de doutor que o regulamento aboliu, era mais honroso do que o de oficial do Exército. **“ Abençoada alfafa. Ela não só alimenta o muar... como pode figurar entre os alimentos dos deuses depois que impôs tantas idéias sadias e tantas dedicações sem limites ao serviço da pátria.**» E conclui ao falar sob o regulamento de 1905 e seus sucessores de cunho militar mais

profissionalizante, sob a égide do qual e de seus sucessores, de 1913, 1918, 1922, 1929 e 1940, formaram-se os oficiais da FEB **«que pisaram os campos de batalha, ao lado dos grandes senhores da guerra sem fazer mau papel»**

Divórcio do Ensino com as Necessidades da Tropa

O general Estevão Leitão de Carvalho, **«jovem turco»** co-fundador da **Defesa Nacional** em 1913, observador brasileiro da guerra do Chaco, ex-comandante da ECEME, chefe da Missão Militar Brasil-Estados Unidos, de atuação relevante na organização da FEB e historiador dos IHGB e IGHMB, aborda de forma crítica o divórcio do ensino na EMPV com as necessidades do Exército como força operacional*¹. Iguamente o general Tasso Fragoso, ex-chefe do EME por longo tempo na década de 30 e consagrado historiador do Exército também apontou e registrou este divórcio ao escrever: **«nos anos anteriores à República havia se arraigado no espírito de muitos a falsa idéia de que a democracia verdadeira e a fraternidade real entre os povos deviam-se fundamentar no esquecimento e até na maldição de certos fatos do passado. Daí o estado de alma da geração militar a que pertenci e do meio que a preparava. Neste ambiente havia um temor de falar em guerras em presença dos moços. Estes não tinham para com os veteranos da guerra do Paraguai, que desfilavam diante deles alquebrados pela velhice e com fardas rebrilhantes de condecorações, o respeito e a estima que mereciam como dignos e leais servidores da Pátria comum»**.²) O Marechal Mascarenhas de Moraes, ex-comandante da EMR e da FEB, refere-se ao problema em suas **Memórias V.I.**

O Sentido do Ensino na AMAN Segundo o Marechal Dutra

O Marechal Dutra foi aluno da Escola Militar da Praia Vermelha na ocasião de seu fechamento, seguido de extinção, em consequência da malfadada Revolta da Vacina Obrigatória de 1904. Após passar um ano fora do Exército concluiu o seu curso na Escola de Guerra de Porto Alegre, sob a égide do Regulamento de 1905. Tendo aprendido duramente a lição da História, emitiu a seguinte diretriz como Ministro da Guerra, de como deveria ser conduzido o ensino na AMAN, a obra mais marcante e consagradora de sua gestão na pasta da Guerra.

«O ensino militar entre nós tem variado em dois extremos: ou excesso de matérias teóricas ou de cultura científica, ou a reação brusca no sentido de preparação meramente profissional, com caráter prático. É oportuno alertar sobre a inconveniência ou perigo de socorrer-se a qualquer dessas soluções extremas. A sabedoria aconselha e mostra que a virtude está no meio. Não se esqueçam os que têm a missão de formar os futuros oficiais que é sob o imperativo do ensino profissional e da cultura geral que se deve orientar aquela formação. Estamos num século eminentemente técnico. Só se tornam poderosas, as instituições e nações que têm solicitado à inteligência e às ciências os conselhos e os recursos a serem seguidos, no sentido de melhor se armarem e se tornarem fortes. Mas tudo isto será incompleto e de resultado duvidoso, se o comando, professores e instrutores não cogitarem também de formar espíritos e personalidades.»

Generais Dutra e Mascarenhas de Moraes Dinamizam a Cultura Geral e Profissional

1 CARVALHO. *Memórias de um soldado legalista*

2 FRAGOSO. *A Batalha de Passo do Rosário* (introdução).

O Ministro Dutra dinamizou o surto do pensamento militar brasileiro ao criar a BIBLIEx e o ECGCF, ambos destinados a promover, com maior intensidade, a produção, o debate e a circulação das culturas profissional, geral e especializada.

O então Coronel Mascarenhas de Moraes, que oito anos após seria o comandante de nossa gloriosa FEB, na qualidade de comandante da Escola Militar do Realengo, baixou ato pelo BI nº 31 de 6 de Fevereiro de 1936, reconhecendo a existência oficial, além da Biblioteca Escolar, das existentes nos cursos de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia, Aviação e Sociedade Acadêmica Militar. Também autorizou a criação de bibliotecas especializadas nas seções de Equitação e Educação Física.

Visava estimular, por facilitar meios próprios de consulta, o aprimoramento da cultura profissional, geral e especializada dos futuros oficiais do Exército, muitos deles, mais tarde, seus comandados na FEB.

Presidente Figueiredo Ex-Instrutor e Professor da AMAN

Serviu na AMAN de 29 Janeiro de 1945 a 3 Janeiro 1949, durante quatro anos, o então capitão de Cavalaria João Batista Figueiredo e atual Presidente da República. No período em tela, o capitão Figueiredo exerceu inicialmente as funções de auxiliar de Equitação e de professor em comissão de Organização do Terreno e Noções de Fortificações e depois, no Curso de Cavalaria, as de instrutor e comandante do 1º Esquadrão de Cavalaria e, em quatro oportunidades, as de Instrutor Chefe interinamente. O presidente Figueiredo como cadete nº 395 da Escola Militar do Realengo de 1935/37 foi o primeiro ex-detentor do Espadim de Caxias, arma distintivo dos cadetes do Exército, a ser conduzido pelo povo brasileiro às altas funções de Presidente da República do Brasil.

Generais Formados Integralmente na AMAN

O Exército já possui os seguintes oficiais generais formados integralmente em Resende: generais-de-brigada Sinval Martins Senra, Francisco Batista Torres de Melo, Rondon Oliveira Guimarães, José Eduardo Lopes Teixeira, Wilberto Luiz Lima, Luiz da Silva Vasconcelos, Danilo Venturini (atual Ministro Chefe da Casa Militar da Presidência da República), José Maria de Toledo Camargo (ex-comandante do Curso de Artilharia da AMAN em 1962/63), Telmo Ariosto Bohrer, Pedro Luis de Araujo Braga, Ernâni Jorge Correa (ex-comandante do Curso de Cavalaria da AMAN em 1962/66), Ney Armando de Mello Meziat, Zaldir de Lima, Ênio Martins Senna, Milton Cunha Bezerra, Ivan Jejui Afonso da Costa e Pedro Cordeiro de Mello.

Preservação da Memória da AMAN

Tem tido atuação relevante, cronologicamente, na preservação da Memória da AMAN desde o seu tempo de Academia Real em 1810, os seguintes oficiais: Ten. Cel. Dr. Alfredo do Nascimento e Silva, Ten. Cel. Joaquim Marques da Cunha, Gen. Adailton Pirassununga, Mal. José Pessoa, Cel. Floriano de Lima Brainer, Gen. Nestor Souto de Oliveira, Gen. Moacir Lopes de Resende, Cel. Francisco Ruas Santos, Gen. Carlos de Meira Matos e Gen. Francisco de Paula Azevedo Ponde. O último através de esclarecedora pesquisa histórica, com base documental, sobre a Academia Militar Real de 1810, raiz histórica da AMAN, na qual revela e publica, inclusive, requerimentos feitos pelo então cadete Luis Alves de Lima e Silva do 1º Regimento de Infantaria, o atual Batalhão Sampaio.

Fontes de História da AMAN

No sentido de preservar não só a História da AMAN como a de suas antecessoras alinhamos a seguir as fontes a partir das quais ela poderá ser restanrada desde que sejam as mesmas preservadas.

CONVENÇÕES

| | |
|--------|--|
| AA | — Arquivo da AMAN |
| AE | — Arquivo do Exército — Rio |
| AMAN | — Academia Militar das Agulhas Negras — Resende |
| AR | — Academia Real Militar — Largo São Francisco — Rio |
| AN | — Arquivo Nacional — Rio |
| AG A | — Ajudância Geral AMAN |
| AP A | — Arquivo Pessoal do Autor — (Cláudio Moreira Bento). |
| BA | — Biblioteca da AMAN |
| BACV | — Biblioteca e Arquivo Cosme Velho — Rio |
| BE | — Biblioteca do Exército — Rio |
| CDocEx | — Centro de Documentação do Exército — Brasília |
| DEA | — Divisão de Ensino da AMAN |
| DN | — Revista Defesa Nacional |
| EGPA | — Escola de Guerra de Porto Alegre |
| EMPV | — Escola Militar da Praia Vermelha — Rio |
| EMR | — Escola Militar do Realengo — Rio |
| EMRes | — Escola Militar de Resende (1944-51) |
| LOC: | — Arquivos que possuem a fonte |
| MA | — Museu Escolar da AMAN — Resende |
| NA | — Revista Nação Armada — AMAN — Resende |
| Ref.: | — Escola ou escolas Militares que a fonte aborda. |
| RIHGB | — Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil — Rio |
| RIHGB | — Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro |
| SA | — Secretaria da AMAN |

FONTES BIBLIOGRÁFICAS E HEMEROGRÁFICAS

AMAN. *Alocações proferidas no Sesquicenténário da AMAN*, Resende, Ed. Acad, 1961.

----- **Currículos**. Resende, Ed. Acad, 1979.

----- **História das doutrinas militares**. Volta Redonda, Gazetilha, 1978.

----- **História Militar do Brasil**. Volta Redonda, Gazetilha, 1979 (texto e mapas).

_____ **Formando oficiais para o Exército do Brasil**. São Paulo, FIESP, 1961 (Boas informações gerais).

----- **Informações aos visitantes**. Resende, Ed. Acad. 1964 (boas informações).

----- Aditamento e anexos 1 — 6 ao BI de 24 de abril. Participantes da AMAN na Revolução de 64 (CC, BCSv, Div. Ens., DÁ, Aj. Geral, Magistério e Pessoal acionado diretamente pelo Comand Páteo Marechal Mascarenhas de Moraes. BI. N° 8, de 8 de maio (justificativa da homenagem).

ARAGÃO, Campos de. Gen. Cadete *do Realengo*, Rio, Bibliex, 1959.

ARARIPE, Tristão Alencar, mal. **Tasso Fragoso**, Rio, Bibliex, 1960. (Bom material sobre a EM PV).

_____ O Ensino Militar no Brasil *RCM*, m° especial, 1961, p. 18/25. (Fonte de consulta obrigatória para uma perspectiva história do assunto).

- ARAÚJO, F. X. Lopes. Cel. **Nossos antigos mestres**. RAMAN, 1976, pp. 7.
- ARNT, Hyran Ribeiro, Gen. **Ordem do Dia à entrega dos espadins à turma Benjamin Constant**. Resende. Ed. Acad, agosto de 1978.
 ---- **Ordem do Dia à entrega das espadas à turma Marechal Dutra**. Resende, Ed. Acad, dezembro de 1978.
- BARATA, Mário. **Escola Politécnica do Largo do São Francisco**. Rio, Clube Engenharia, 1973, (Currículos Escola Militar 1810-1851 e iconografia).
- BARROSO, Gustavo. **Os prisioneiros paraguaios na EMPV**. NA n? 70, setembro de 1945, pp. 77/79.
- BENTO — Cláudio Moreira, Ten Cel. **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**. Brasília, EME — ECGCF, 1978.
 _____ O Espadim de Caxias. **Letras em Marcha** n? 82, agosto de 1978; **Jornal Agulhas Negras**, AMAN, julho de 78 e **RMB** julho/setembro de 78.
 ---- Instalação da AMAN — ano XXXV. **Letras em Marcha**, n? 90, abril de 79.
 ---- Napion Patrono do QMB. **O Patolino**. AMAN, Curso de Material Bélico, 1978 (Aborda a vida do general Napion primeiro diretor da Academia Real Militar).
 ---- Fortificações e fortificadores do RGS. **Revista da Sociedade de Engenharia do RGS**. 1976/75.
 ---- *Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS*. Porto Alegre, IEL, 1976. p. 116-118, 237, 238.
- BITTENCOURT, Liberato, Cel. **Sobre a reforma do Ensino Militar**. DN n? 113, março de 1923, pp. 538/540 (Ensino militar entre 1893-1905 importante).
 ---- Benjamin Constant e General Polidoro, duplo ensaio, psicológico. **Anuário da Escola Militar**, Realengo, 1913/14, p. 59-90. (Ver também Planos de Campanha p. 125/178 do mesmo autor).
- BLEY, João Punaro, Gen. «Recordações de uma Velha Escola (EMR)». **Letras em Marcha**, 1978 (ex-aluno do Realengo e ex-comandante da AMAN).
- BOPP, Itamar. **Resende — Cem anos da cidade**. São Paulo, Gráfica, Gráfica Sangirard, 1977.
- BRAINER, Floriano de Lima, Ten Cel. **A Escola Militar — Síntese Histórica**. RMB, n? 1, janeiro/março de 1942, pp. 13/70.
- BRILHANTE, Manoel de Azambuja, Gen. Ética do Estudante face às provas, DN, n? 445, ago. 1951, p. 5/7 (ex-comandante da AMAN).
- CALMON, Pedro. Agulhas Negras. **RCM**, n? especial, 1961, p.. 31/33.
- CÂMARA, José A. Saraiva. **Um soldado do Império**. Rio, José Olímpio, 1978 (Vida do Gen. Tibúrcio que saiu da EMPV para a Guerra do Paraguai).
- CAMPOS, Carlos, Mal. A Profecia da EMPV. DN, n? 112, fev. 1323, p. 519/21. (Discurso de Benjamin Constant a oficiais chilenos «fagulha que incendiou a Monarquia».)
- CARDOSO, Licínio A. Nossos antigos mestres. **RAMAN**, 1979, p. 40/42.
- CARTA DE LEI DE 4 DEZ. 1810. **Criação da Academia Militar no Rio de Janeiro**, Rio, Imprensa Militar, 1961.
- CARVALHO, Estevão Leitão, Gen. **Memórias de um Soldado legista**. Rio. Imprensa Militar, sd.
- CASTRO, Jeanne Berance. **A Milícia Cidadã. A Guarda Nacional**. 1931-50. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1978.
- CAVALCANTI, Pedro, Gen. Discurso — Pedra Fundamental da AMAN. **RAMAN**, jul. 1938, pp. 5/6 (Discurso como Diretor de Ensino do Exército).

- CERQUEIRA, Dionísio, Gen. **Reminiscências da Guerra do Paraguai**. Rio, Bibliex, 1958 (Impressão sobre a EMPV).
- CIDADE, Francisco de Paula, Gen. **Síntese de três séculos de literatura...** Rio, Bibliex, 1959 (muitas indicações).
- _____ **Cadetes e alunos militares através dos tempos**. Rio, Bibliex, 1961 (Reminiscências da EMPV, EGPA. Importante subsídio sobre a revolução no ensino em 1905, como transição do bacharelismo para o profissionalismo — leitura básica).
- Ensino Militar. *DN*, n.º 118, ago. 1923. p. 729/730.
- O Exército do Passado. *NA*, 1942-1943 (importante série de artigos).
- **A literatura nas velhas Escolas Militares. Cadetes e alunos...** Rio. BIBLIEx, 1961. Cadetes em Portugal, no Brasil e vida anedótica. *Cadetes e alunos...* Rio, Bibliex, 1961.
- COELHO, Edmundo Campos. **Em busca de Identidade — O Exército e a Política na Sociedade Brasileira**. Rio, Forense, 1976, 1ª Ed.
- CONSTANT NETO, Benjamin. **Benjamin Constant**. Rio BIBLIEx, 1940.
- CORREIA, Jonas. M. Gen. **Vocabulário de Gíria Militar**, Rio, Bibliex, 1958.
- CORREIA NETO, Jonas, Cel. Escola Militar do Realengo, *RAMAN*, 1975, p. 13/14.
- COUTINHO, Lourival. **O general Gois depõe**. Rio, Liv. Coelho Branco, 1956.
- CUNHA, J. Marques da, Tc. A Evolução do Ensino Militar no Brasil, 1810-1913. **Anuário Militar**, Rio, EMR, 1913/14 (Trabalho Pioneiro).
- DAMASCENO, Filadelfo. Cap. **Vida de cadete**. Rio, Bibliex, 1962 (o autor formou-se na AMAN em fev. 1955).
- DENYS, Mal. A Missão Indígena. *Infantaria*. Resende, **Curso Inf. — AMAN**, n.º 14, 1979.
- DINIS, Almério, Cel. Meus ex-cadetes. *RAMAN*, 1977, p. 18.
- ECEME — **Mal. Castello Branco — seu pensamento militar**. Rio, Imp. Mil. 1966.
- ESCOLA MILITAR DO REALENGO: Mudança (tentativa, locais e situação /atual) *DN*, 186, jun. 1929. pp. 269/271 e 199, jul. 1930, pp. 61 1/612 (Idéia mudança surge antes da Revolução de 30).
- ESCOLA MILITAR DE RESENDE. *Construção*. Rio, **EMR** (Histórico da construção e idéia do Panteon de Caxias em Resende). (Ano 1943).
- ESTRADA, Augusto da Cunha Duque, Cel. Discurso Pedra Fundamental AMAN. **RAMAN**, jul. 1938, p. 5/9 (representando o corpo discente e docente da EMR).
- FIGUEIREDO, Euclides de Oliveira, Cap. Escola de Pelotão de Cavalaria da Escola Militar do Realengo (Missão Indígena). *DN*, n.º 78, fev. 1920, p. 209/213.
- FIGUEIREDO, João Baptista de Oliveira, Maj. Batalha de Tuiuti — Conferência na AMAN. *DN*, n.º 420, mar. 1949, p. 125/133.
- FIGUEIREDO, Lima, Cel. **Casernas e Escolas**, Rio, BIBLIEx, 1945.
- FONSECA, Roberto Piragibe. **Dois estudos militares**. Rio. 1974.
- FOURNIER, Barros, Cap. Local para a Escola Militar. *DN*, n.º 69, jun. de 1939. p. 308/9.
- FRAGOMENI, José, Gen. Sesquicentenário da Independência. **RAMAN**, 1972. p. 112/113.
- Aspectos da Evolução do Ensino Militar. **RAMAN**, 1973.
- FRAGOSO, Tasso, Gen. Na Praia Vermelha, *in*: CIDADE. **Cadetes e alunos...** Rio. BIBLIEx, 1961, p. 84/85.
- **Batalha do Passo do Rosário**. Rio 1922 (Introdução).
- O Ensino Militar e a ECEME. *NA*. abr. 1970.

- INSPETORIA GERAL DO ENSINO. A Evolução do Ensino Militar no Brasil. **RMB**, jan./raar. 1942. pp. 9/12.
- KLINGER, Bertholdo, Cap. A Nova Escola Militar — seus efeitos na tropa. **DN**, set. 1920. pp. 34/35.
- GUIMARÃES, J. C. Macedo Soares. Civis e militares. **Caria Mensal**, dez. 17, p.. 11/14.
- LIMA, Luiz. A. Correia, Cap. O efetivismo corrosivo. **DN**, nº 115, set. 1920. p.762/765 (elogio à Missão Indígena, no Realengo).
 ____ Ensino Militar. **NA**, nº 71, out. 1945, p. 4/17.
- LOBATO, Filho, Gen. Escola Preparatória do Realengo, in: CIDADE. **Cadetes e alunos...** Rio. BIBLIEx, 1961, p. 91/93.
- LOPES, Luiz Arthur. Fui cadete da EMPV em 1889. **RCM**, nº especial 1961. pp. 37/47.
- MALAN, Alfredo d'Angrone, Cap. *Reminiscências da Praia Vermelha* in: CIDADE: **Cadetes e alunos ...** Rio, BIBLIEx, 1961, p. 45/49.
- MALAN, Alfredo Souto, Gen. **Uma escolha um Destino**. Rio, BIBLIEx, 1977.
- Mattos, Carlos de Meira, Gen. Aniversário da AMAN. **Ordem do Dia**. BI AMAN, 23 abr. 1970.
- Chefia e Liderança. **RAMAN**, 1972, p. 176/181 .
- **A experiência do FAIBRAS**. Rio, IBGE, 1966 (participação oficiais e egressos da AMAN).
- MEDICI, Emílio Garrastazu, Gen. Aniversário da AMAN. **Ordem do Dia**. BI AMAN, 23 abr. 1963.
- MERCEDES-BENZ — *Sua Boa Estrela*, nº 27, 1970 (Nº especial dedicado a AMAN).
 «MEXY KANO». O Carro de Fogo — paródia. **RCM** nº especial, 1961.
- MEYER, Walter dos Santos, Ten Cel. Achegas para um anedotário da AMAN. **RCM**, nº especial, 1961, p. 58/64 (excelente trabalho).
- Síntese histórica da formação dos oficiais do Exército, in: **Alocuções do sesqui-centenário da AMAN**. Resende. Ed. Acad., 1961.
- MINISTÉRIO DA GUERRA. **O Exército no Estado Novo**. Rio, Graf, Guarany, 1971. pp. 12/15.
- MIRANDA, Salm. de. **Floriano**. Rio, BIBLIEx, 1963.
- MISSÃO INDÍGENA NA EMR (1919/22). Instrutores selecionados. **DN**, nº 65, fev. 1919, p. 146/148.
- Situação promissora no ensino, **DN**, nº 152, ago. 1926, p. 1210 (balanço das atividades após sete anos).
- MONTEIRO, Afonso, Gen. Reminiscências da EM, Praia Vermelha, in: CIDADE, **Cadetes e alunos...** Rio, BIBLIEx, 1961, p. 50.
- MONTEIRO, Pedro Aurélio Goes. **A Revolução de 30 e a finalidade política do Exército**, Rio. 1932.
- MOTTA, Jeovah. **Formação do oficial do Exército Brasileiro**. Rio, Cia. Bras. Art. Graf. 1977.
- NOGUEIRA, Túlio Chagas, Cel. Palavras aos cadetes da Turma Independência. **RAMAN**, 1964, p. 175 (Comandante do Corpo de Cadetes).
- í
- NORONHA, Jurandir Passos. Resende não è West Point nem Saint Cyr. **NA**, nº 64, mar. 1945, p. 30/37.
- NOTICIÁRIO DO EXÉRCITO, nº especial dedicado à AMAN, 1967.
 O ALAMBARI — Noticioso interno da AMAN — 1953/73 (Coleção).

- OLINTO, Antônio, **Militares no Poder**. Rio, Arca, 1977 (Importante estudo relacionando o desenvolvimento do ensino militar com a progressiva influência política do Exército).
- OLIVEIRA, Ermílio da Costa — **RAMAN**, 1974, p. 175.
- PEDREIRA, José R. **Resende em revista**. Volta Redonda, 1975.
- PIRASSUNUNGA, Adailton, Gen. O Ensino Militar no Período Colonial. **RAMAN**, nºs 30 e 34, 1936.
- **Ensino Militar no Brasil**. Rio. BIBLIEx, 1958.
- O Clero no magistério militar. **RAMAN**, jul. 1938.
- Subsídios para a História das Escolas Militares 1811/38. **RAMAN**. 1938.
- PEREGRINO, Umberto, Evolução da Escola Militar. 1931/41. **RMB**, jul./set. 1941, p. 271/288.
- Caderno de adolescente, in: CIDADE. **Cadetes e alunos...** Rio, BIBLIEx, 1961, p. 106.
- PESSOA, Antonio José. Cad. Marechal José Pessoa — o idealizador AMAN. **Jornal Agulhas Negras**. Resende, Ed. Acad. 1977.
- PESSOA, José, Gen. O Espadim. O Brasão das Armas, O Corpo de Cadetes e o Uniforme da AMAN. **RAMAN**, 1939.
- Resende e a Escola Militar. **NA**, nº 21, ago. 1971, p. 137/138.
- A Pedra Fundamental da EM. Resende. **RAMAN**. jul. 1938.
- PONDE, F. de Paula e Azevedo, Gen. A Academia Militar Real. **Anais do Congresso da Independência do Brasil**. Rio, IHGB, 1975 (Importante e básico subsídio, A documentação que localizou e usou encontra-se no Arquivo Nacional).
- POTIGUAR A, Moacir Barcellos, Gen. Uma vida a serviço do Brasil. **RIGHMB-11**.
- RABELO, Manuel, Gen. Discurso — Lançamento da pedra fundamental da AMAN. **RAMAN**, jul. 1938, p. 3/5 (Oração como Diretor de Engenharia).
- RESENDE, Moacir Lopes de, Gen. **História da AMAN**, Ed. Acad. 1969. (É a síntese mais completa e básica para a abordagem do assunto.)
- Comandantes das Escolas Militares **RCM**, nº especial, 1961, p. 5/16.
- REVISTA DO CLUBE MILITAR — 1961 — nº especial dedicado ao Sesquicentenário da AMAN.
- REVISTA MILITAR BRASILEIRA. Construção da Escola Militar de Resende. Nº 1 jan./mar. 42, p. 71/149. (Importante subsídio.)
- REVISTA DEFESA NACIONAL. Nº especial 1963. (Alusivo ao Sesquicentenário da Revista. Contém artigos dos generais Leitão de Carvalho, Castello Branco, F. P. Cidade, Tristão Araripe e Pompeu Cavalcanti).
- REVISTA DA AMAN (RAMAN) — Coleção 1921/1978 existente na Biblioteca da AMAN (Faltam anos 1923, 1929/32, 1958, 1961/62 e 1970). Possuem interessantes e vastos assuntos ligados a memória AMAN, dos quais reproduzimos, como amostragem, o subtítulo a seguir de índice por nós complementado:
- 1) Gustavo Cordeiro de Farias — elogio, jun. 192. .
 - 2) Homenagem ao Mal. Hermes, Jul. 1921.
 - 3) Homenagem a Adalberto C. de Aguiar, ago. 1921.
 - 4) Homenagem ao Gen. Celestino Bastos, out. 1921.
 - 5) Homenagem ao Gen. Setembrino de Carvalho, mar. 1934.
 - 6) Homenagem ao Dr. Moreira Guimarães, mar. 1924.
 - 7) Almirante Alexandrino de Alencar, necrológico. 1926.
 - 8) Homenagem ao Cap. A. Pirassununga, mar. 1936.

- 9) Homenagem a Henrique Lage, n? 33, mar. 1936, n? 50, 1942, n? 53, 1943, n?54, 1945.
- 10)10) Homenagem aos cadetes de aviação, mortos em serviço, n? 34, ago. 1936, p.7.
- 11)Homenagem a Benjamin Constant. n? 35, 1936.
- 12)Homenagem a Caxias, n? 37, 1937; e 1957, 1960.
- 13)Homenagem ao Cel. Mascarenhas de Moraes, 1937 e 1938.
- 14)Resumo Histórico da Escola Militar, n? 30, 1937, p. 3.
- 15)Centenário da morte do Mal. Floriano, n? 40, 1939.
- 16)Homenagem a Lhufas, a Celso Santos Meyer, n? 40, 1939.
- 17)Homenagem ao Gen. José Pessoa, n? 44, 1940, p. 14, n?. 54, 1945; n? 61, 1949 e 1960.
- 18)Homenagem a Henrique Lage, n? 46, 1941.
- 19)Homenagem ao Gen. Osório, n? 49, 1942.
- 20)Homenagem ao Gen. Ciro Esp. S. Cardoso, n? 59, 1948 e 61, 1949; n? 62, 1950; n? 63, 1950.
- 21)Homenagem ao Mal. Trompowski. 1954.
- 22)O BCSv, n? 60, 1959.
- 23)SAM — O que é, 1960.
- 24)Bandeiras Históricas, 1960.
- 25)Histórico da AMAN, 1960.
- 26)Brasília — Capital da Esperança.
- 27)Curso de História Militar da AMAN.
- 28)O que é a AMAN, 1963, p. 4.
- 29)Cadetes e seus personagens, 1964, p. 127.
- 30)Ângulos da AMAN, 1964, pp. 125/126.
- 31)O ensino na AMAN, 1965, pp. 7/9 e 1966, p. 11.
- 32)Cadete e outro personagem, 1965, pp. 17/20.
- 33)Uniforme de cadete — tradição. 1969, p. 52.
- 34)Quepe do Mal. Deodoro 1965, p. 57.
- 35)Documentos da AMAN, 1966, pp. 13/15.
- 36)Homenagem ao Cel. Plínio F. Pereira Tourinho, 1966.
- 37)Homenagem ao Cel. Leontino Nunes de Andrade, 1966, p. 158.
- 38)AMAN — Tetracampeã da NAVAMAER, 1966, p. 162.
- 39)Instalação do canhão Histórico, 1968, p. 195.
- 40)Pára-quedismo na AMAN, 1968, p. 226.
- 41)Fim de semana de um laranjeira, 1969, p. 121.
- 42)Cadetes no Projeto Rondon, 1969, p. 121.
- 43)Departamento de Instrução Especial, 1964, p. 143.
- 44)Homenagem a Castello Branco, 1971, p. 24.
- 45)Restos Mortais de D. Pedro I na AMAN, 1972, p. 116.
- 46)A velha Maisa se foi (Cadela mascote CC). 1972, p. 132.
- 47)Um camarada formidável — o Aspirante — João Francisco Ferreira, 1971, p. 132.
- 48)O ensino profissional na AMAN, 1976, p. 45.
- 49)Resende a capital do cadete, 1976, p. 257.
- 50)Retorno de uma tradição, 1976, p. 302.
- 51)A morte dos cadetes. 1977, p. 203.
- 52)Uma preciosidade na Biblioteca, 1938.

SALA DE REUNIÕES DO CONSELHO ESCOLAR, *Anuário da Escola Militar*. 1913/14, p. 147.

SANTOS, Francisco Ruas. Maj. *Coleção Bibliográfica Militar*. Rio, BIBLIEx, 1960.

- SCHEDER, Sylvio Lourenço, Cap. O Ensino Militar entre nós e a Escola Militar. **DN**, nº 106, jun. 1920, pp. 259/262), 292/295 e 324/328 (Evolução Ensino 1810/1920).
- SEVERO, Alfredo, Cel. Crônica de Saudades. **NA**, nº 58, set. 1944, p. 32/38 (sobre a EMPV).
- SILVA, Alfredo do Nascimento, Tc. Dr. Histórico das sedes da Escola Militar 1810/1910. **Anuário da Escola Militar 1913/14**. Rio, EMR. 1913/14. (Trabalho histórico pioneiro sob o enfoque do título e base para os posteriores.)
- SILVA — João Marcelino. F. e, Cap., Escola Militar (instalação) **DN**, nº 156, dez. 1926, p. 383/4.
- TAUNAY, Visconde. **Memórias**. Rio, BIBLIEx, 1960.
- TAVARES, Aurélio Lyra, Gen. **O Brasil de minha geração**. Rio, BIBLIEx, 1976.
 ----- **Exército e Nação**. Recife. UPPE. 1968.
 ----- Ensino Militar. **NA**, nº 72, nov. 1945, p. 27/29
- TÁVORA, Juarez, Mal. **Uma vida de muitas lutas**. Rio, BIBLIEx, 1976, v. 1.
- TRAVASSOS, Mário, Cel. A Nova Escola Militar. **Correio Paulistano**, 1944.
 ----- Ordem do Dia — Instalação da Escola Militar em Resende, **BI/AMAN** nº 1, de 1º mar. 1944.
- VARGAS, Getúlio, Dr. Discurso — Lançamento da Pedra Fundamental da AMAN. **RAMAN**, jul 1938, p. 9/11 (Discurso como Chefe do Governo do Brasil).
- VIANNA, José Feliciano Lobo, Cel. Reminiscência de um velho turco da EMPV. **DN**, nº 76, nov. 1819, p. 113/118 e nº 80, mar. 1820, p. 258/162 (Trotes, edifício, comandante e oficiais).
- VIVEIROS. Esther de. **Rondon conta sua vida**. Rio, Coop. Cultural Esperantista, 1969, p. 345/49.

FONTES DOCUMENTAIS E INSTRUMENTO DE TRABALHO

(Relação parcial)

- ARQUIVO DO GEN. POLIDORO QUINTANILHA JORDÃO (Loc: **AN**), (ex-comandante da EMPV).
- ATA DO LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DA AMAN EM 1938 (Loc: **MA**).
- ARQUIVO ICONOGRÁFICO DA AMAN — FOTOS E FILMES (Loc: Serv. Comunicações da AMAN).
- BOLETIM Nº 1 DE 1º MAR. 1944 — ALUSIVO A INSTALAÇÃO DA AMAN (Loc: **MA**).
- CAMARA, Hiran Freitas, Maj. Arquivo pessoal constando de vasta documentação que reuniu, com vistas a escrever a biografia do Marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (curso atualmente a ECEME).
- CARTA DE LEI DE CRIAÇÃO DA ACADEMIA MILITAR REAL EM 1810 — Fotocópia (Loc: **MA**) fotocópia.
- COLEÇÃO DE BOLETINS DA AMAN 1913/1979 (Loc: **A.A.**).
- COLEÇÃO DE BOLETINS DAS ESCOLAS MILITARES DA PRAIA VERMELHA, REALENGO E PORTO ALEGRE (Loc: provavelmente no **AE**).
- COLEÇÃO DE ALMANAQUES DO EXÉRCITO 1945/1972 (consta nomes de todos os oficiais formados pela AMAN (Loc: BEx, C. Doc Ex. A.A.)).
- COLEÇÃO DE REVISTAS DA AMAN 1922/1978 (Loc: **BA** e **BE**).
- DOCUMENTOS RELATIVOS A ACADEMIA REAL MILITAR (Loc: **AN**).

ÍNDICE DA REVISTA DA AMAN 1922/1978 (Loc: APA e fichário História da AMAN 1913/1957 (parcial) na Cadeira de História Militar. Não consta os dos números que faltam).

INVENTÁRIO DE Nº DE ASPIRANTES EGRESSOS DA AMAN 1945/78. POR UNIDADES DE FEDERAÇÃO E NAÇÕES AMIGAS (Loc: **APA**).

LIVRO DE OURO CONTENDO ASSINATURAS DE CADETES QUE CONCLUÍRAM A AMAN SEM PUNIÇÃO (Loc: **Corpo de Cadetes**).

LIVRO PARA O REGISTRO DE IMPRESSÕES POR VISITANTES ILUSTRES A AMAN (Loc: **Gab. do General Cmt. AMAN**). (Ata mudança de denominação).

LIVRO HISTÓRICO DO CORPO DE CADETES (Loc: MA).

LIVROS REGISTROS HISTÓRICOS DA AMAN (1810/1979) de nº 1 a 5 (Loc: SA (todos) e IHGB e APA nºs 1 e 2).

PEREIRA FILHO, José, 1º Ten. Relação e localização do acervo do Museu da Academia Militar das Agulhas Negras. (Loc: **Aj. G. AMAN, APA, IHGB, IHGBM**).

___ Relação e localização de bustos, placas e quadros localizados no Âmbito do Conjunto Principal da AMAN. 9 fls. Não inclui o existente no interior das repartições exceto da Biblioteca. (Loc: APA). Nos livros registros históricos consta a origem e doador de cada busto).

PASTA DE DOCUMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DA AMAN (pasta com parecer data aniversário AMAN — bandeiras históricas etc. (Loc: **Cadeira de História da AMAN**).

PLANTA DO AQUARTELAMENTO DA AMAN (Nomes, bairros, praças, ruas e instalações (Loc: **Prefeitura Militar da AMAN**).

RELAÇÃO NUMÉRICA POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO E NAÇÕES AMIGAS DOS ASPIRANTES EGRESSOS A AMAN 1945/1978 (APA).

RELAÇÃO DOS SUBCOMANDANTES DA AMAN ATÉ 1977. (Loc: AA e APA).

RELAÇÃO DOS COMANDANTES DE CURSOS DA AMAN 1944/1978 (Loc: **Cursos e APA**).

RELAÇÃO DOS COMANDANTES DO CC. (Loc: **Corpo de Cadetes e APA**). RELAÇÃO DE PRÊMIOS COM OS RESPECTIVOS PATRONOS DESTINADOS AOS ASPIRANTES QUE SE DESTACARAM NOS ESTUDOS (Loc: 1! Sec.AMAN e APA).

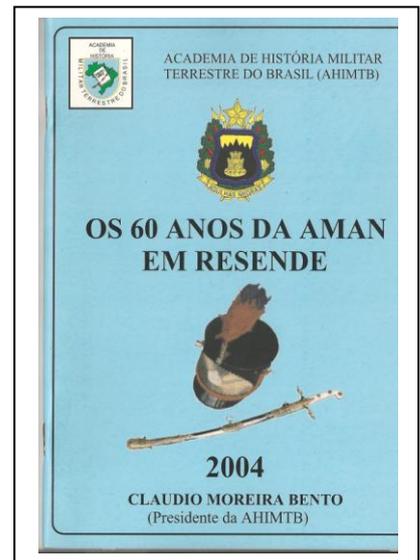
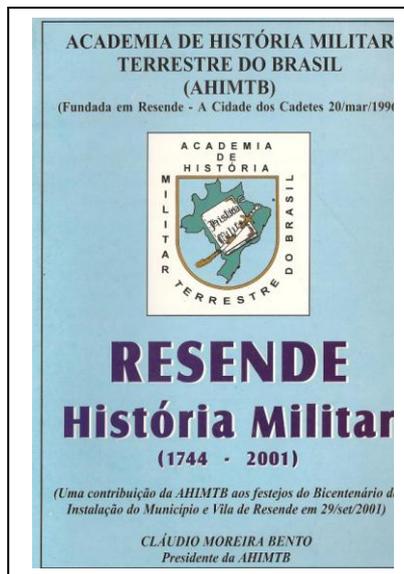
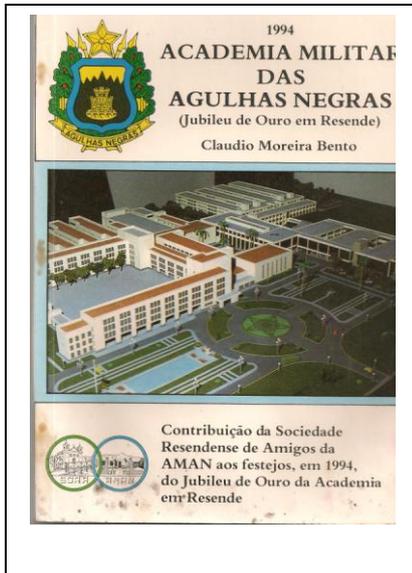
RIBEIRO, Jader de Lima, Cap. Relação comparativa das cargas horárias por matérias, regulamentos de ensino de 1945, 1958, 1961, 1964 e atual. (Loc: Div. Ens. AMAN e APA).

SANTOS, Francisco Ruas. Efemérides da AMAN. (Loc: BA e APA). FICHÁRIO HISTÓRICO DA AMAN REFERIDO AOS BOLETINS INTERNOS E REVISTA (1913/1961). (Loc: **Cadeira de História da AMAN**).

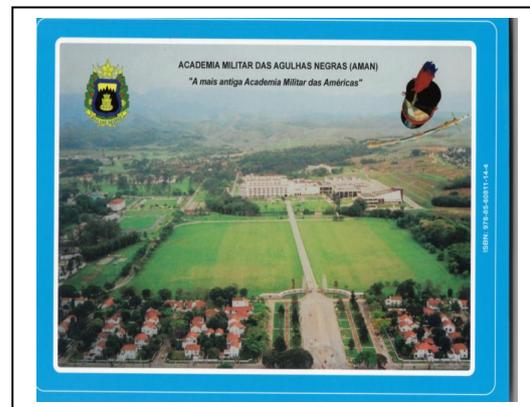
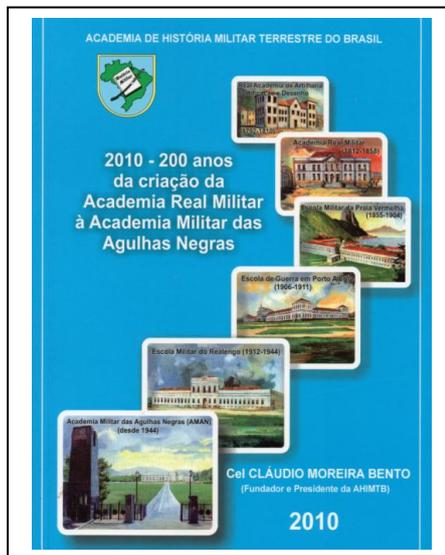
----- índice da **Defesa Nacional** até 1977 (Loc: C. Doe. Ex. e APA).

----- índice da **Revista Militar Brasileira até 1957** (Loc: C. Doe. Ex. e APA).

TURMAS EGRESSAS DA AMAN 1945/78 (Nome das turmas — ano de formatura e primeiros colocados nas cerimônias do espadim e espada. (Loc: AP A). A presente relação não é completa. Constitui-se numa primeira aproximação.



Plaquetas o autor sobre a História da AMAN em seus 50 anos em Resende, sobre sua presença na História Militar de Resende e nos seus 60 anos em Resende em 2004. Coleção completada com a obra abaixo, além da presente obra na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1978 com meu discurso de posse como sócio do citado instituto. E todas disponíveis em Livros e Plaquetas do site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br



Abaixo livros azuis didáticos de História Militar coordenados e enriquecidos pelo autor e seu Manual 2ed **Como estudar e pesquisar a História do Exército**. Este é o meu legado ao Ensino de História Militar Crítica na AMAN à luz dos fundamentos da Ciência e Arte Militar!

